



PNEUMATOLOGIA LUCANA: MAPEAMENTO DA DIVERSIDADE PNEUMATOLÓGICA NO ANTIGO TESTAMENTO E NO JUDAÍSMO MÉDIO¹

*Pneumatology in the Lukan corpus: mapping the pneumatological
diversity in the Old Testament and in the Middle Judaism*

Anderson Yan²

RESUMO

Este artigo será dividido em três partes. A primeira parte procura fazer o mapeamento dos fundamentos da pneumatologia apresentada no corpus Lucano que será examinado nas segunda e terceira partes. O ensaio foca na questão bíblico-teológica analisando como o Antigo Testamento se apropriou dos conceitos disponíveis no Antigo Oriente Próximo adaptando o termo רוח dentro do desenvolvimento da sua pneumatologia. O estudo prossegue examinando a recepção do termo רוח, geralmente traduzido como πνευμα, no Judaísmo Médio, pois o ensaio o considera como parte essencial do horizonte hermenêutico do Novo Testamento. As conclusões deste ensaio apontam para a diversidade pneumatológica que se inicia no Antigo Testamento e que vai se desenvolvendo no Judaísmo Médio. Essa diversidade pneumatológica também é compartilhada pelo Novo Testamento.

Palavras-chave: Pneumatologia. Soteriologia. Transformação ética.

¹ Artigo recebido em 3 de novembro de 2016 e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 2 de dezembro de 2016, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Anderson Yan é MDiv e MTh em Teologia Bíblica (STSC); PGCert em Teologia da Transformação (LST, University of Middlesex); MA em Pesquisas Bíblicas (Heythrop College, University of London); AKC (KCL); candidato a PhD em pesquisas e estudos do AT (KCL). E-mail: anderson.yan@kcl.ac.uk.

ABSTRACT

This article will be divided in three parts. The first part attempts to map the bases of the pneumatology presented at the Lukan corpus, which will be examined in parts two and three. This essay focuses on the biblical-theological issue, analysing how the Old Testament borrowed pneumatological concepts available in the Ancient Near East and adapted the term רוח within the development of its own pneumatology. This study continues by examining the reception of the term רוח, mostly translated as πνευμα, in the Middle Judaism as it was essential part of hermeneutical horizon of the New Testament. The conclusions of this essay point to a pneumatological diversity which started in the Old Testament and evolves in the Middle Judaism. This pneumatological diversity is also shared in the New Testament.

Keywords: *Pneumatology. Soteriology. Ethical transformation.*

INTRODUÇÃO³

O interesse pela pessoa do Espírito Santo não é algo novo na história eclesial. Esse tema é debatido com frequência nas formas mais variadas no decorrer da história da igreja⁴. Porém, é a partir do movimento pentecostal que a obra do Espírito começa a desempenhar um papel de maior destaque no debate teológico. No final do séc. XIX a atuação do Espírito começa a ser exclusivamente atribuída a uma capacitação para servir, tendo em vista o cumprimento da missão⁵.

³ Este ensaio é uma versão resumida da minha dissertação para o MTh em Teologia Bíblica sob a supervisão do Dr. Estevan F. Kirschner pelo Seminário Teológico Servo de Cristo. Dedico este ensaio ao Prof. Dr. Max Turner, Mikael Hulme, Lukas Tonner e Tiemi Sekido Yan (in *memorian*) pela contribuição de cada um deles na minha experiência no Espírito.

⁴ Montano liderou o movimento montanista reagindo contra a formalização da igreja e se autoneomeou *paraclete* e ao lado de suas profetizas conclamou a igreja a retornar à dependência do Espírito como ocorreu no pentecoste (cf. Eus., *Hist. Eccl.* 5.3-4, 14.1, 16.7). Mesmo sendo rejeitado pela igreja, o montanismo ganhou simpatia de um nome de grande expressão, Tertuliano que faz uma breve defesa ao movimento na sua crítica contra Marcião (cf. Tert., *Adv. Marc.* 1.29; 2). O interesse pelo papel do Espírito é evidente no movimento metodista. John Fletcher (contemporâneo de John Wesley e considerado como um dos maiores teólogos do metodismo) enfatizou a relação do Espírito na santificação do indivíduo na sua crítica contra o calvinismo e a doutrina da justificação pela fé. Seu foco na função do Espírito na santificação do indivíduo recebeu destaque na sua argumentação de que o Espírito proporciona uma libertação instantânea e completa do pecado. Essa proposta serviu mais tarde de base para o ensino da perfeição cristã (cf. FLETCHER, John. **The work of John Fletcher**. Vols. 1 – 5. New York, NY: Carlton and Porter, 1833).

⁵ Em 1900 em Topeka no estado do Kansas, Parham e seus estudantes interpretaram o fenômeno da *glossolia* em At 2 como evidência do batismo do/no Espírito, cujo

Dessa forma, grande parte do pentecostalismo clássico passou a considerar a *glossolalia* como evidência física e inicial do batismo do/no Espírito que serviu de base para a doutrina da subsequência⁶. Porém essa perspectiva não permaneceu isenta de críticas. Evangélicos mais tradicionais atribuíram o papel do Espírito como participante ativo no processo soteriológico, efetuando a salvação do indivíduo⁷. Já representantes do catolicismo (e algumas correntes protestantes) fizeram um paralelo entre o batismo no/do Espírito e o sacramento do batismo nas águas e a confirmação⁸. No entanto, carismáticos tendem a assumir uma perspectiva mais flexível em relação à manifestação do Espírito (e.g., discursos proféticos, expressões doxológicas, envolvendo cantos e danças e manifestações miraculosas)⁹ sem necessariamente excluir o envolvimento do Espírito do âmbito soteriológico e da transformação ética.

Dentro dessa breve exposição é possível identificar pelo menos três posições a respeito do papel do Espírito em Lucas-Atos: descontinuidade, continuidade e posição mediadora¹⁰. Algumas questões centrais fazem parte dessa

objetivo era a capacitação de falar línguas desconhecidas para o cumprimento da missão (cf. GOFF, James R. Jr. *Initial tongues in the theology of Charles Fox Parham*. In: MCGEE, Gary B. (Ed.). **Initial evidence: Historical and biblical perspectives on the Pentecostal doctrine of Spirit baptism**. Eugene, OR: Wipf Stock, 1991, p. 57-71). Menos de uma década mais tarde, no famoso reavivamento da rua Azusa ocorrido em Los Angeles na Califórnia, Seymour expandiu esse entendimento atribuindo o batismo no/do Espírito como um enchimento de amor que capacita o indivíduo para o cumprimento da missão (cf. ROBECK, Cecil M. Jr. William J. Seymour and “the Bible evidence”. In: MCGEE, Gary B. (Ed.). **Initial evidence: Historical and biblical perspectives on the Pentecostal doctrine of Spirit baptism**. Eugene, OR: Wipf Stock, 1991, p. 57-71).

⁶ A doutrina da subsequência é frequentemente chamada de “segunda benção” na linguagem evangélica popular. Recomenda-se a leitura de PETTS, David. *The baptism in the Holy Spirit: The theological distinctive*. In: WARRINGTON, Keith (Ed.). **Pentecostal perspectives**. Carlisle: Paternoster, 1998, p. 98-11

⁷ STOTT, R. W. John. **The baptism and fullness of the Holy Spirit**. Leicester: IVP, 1975 e BRUNER, F. D. **A theology of the Holy Spirit: The Pentecostal experience and the New Testament witness**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1970.

⁸ LEDERLE, H. I. **Treasures Old and New: interpretations of “Spirit-baptism” in the Charismatic renewal movement**. Peabody, MA: Hendrickson, 1988, p. 104-38.

⁹ LLOYD-JONES, Martin. **Joy unspeakable: power and renewal in the Holy Spirit**. Eastbourne: Kingsway, 1984.

¹⁰ Alguns autores subdividem em mais posições que são derivadas dessas três e.g., Hamilton apresenta seis posições (cf. HAMILTON, James M. Jr. **God’s indwelling presence: The Holy Spirit in the Old & New Testaments**. NAC Studies in Bible & Theology; Nashville, TN: B&H Academic, 2006, p. 9-24).

discussão: (i) O batismo no/do Espírito é um dom concedido aos indivíduos já convertidos? (ii) Qual o papel do Espírito na soteriologia e na transformação ética (ou santificação) do indivíduo? (iii) A atuação do Espírito se limita apenas a *glossolalia* ou se estende a outras manifestações miraculosas?

Esse ensaio tem como objetivo analisar essa discussão sob uma perspectiva bíblico-teológica através da combinação dos métodos diacrônicos e sincrônicos, em que o desenvolvimento do conceito é analisado juntamente com a forma apresentada no texto bíblico atual¹¹. O artigo procura promover um diálogo entre Menzies, Dunn e Turner como os principais interlocutores desse debate. A primeira parte deste ensaio começa examinando o papel do Espírito no Antigo Testamento seguido pela sua atuação no Judaísmo Médio¹². Porém, essa exposição não pretende ser exaustiva uma vez que o escopo para tal discussão vai além do espaço permitido deste ensaio. Por esse motivo o ensaio irá apenas apontar para as questões de maior destaque com o objetivo de guiar o leitor para uma literatura mais aprofundada nos pontos levantados. Na conclusão, este estudo

¹¹ Refiro-me à teologia bíblica apenas como contraste com a teologia sistemática sem fazer juízo de valor, pois entendo que elas utilizam métodos distintos. Apesar de reconhecer a possibilidade e contribuição do diálogo entre as duas disciplinas, essa tarefa vai além do escopo deste ensaio. Para essa tarefa, recomendo a leitura dos ensaios publicados em GREEN, Joel B. e TURNER, Max (Eds.). **Between two horizons**: spanning New Testament studies & Systematic Theology. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2000 e CARSON, D. A. Unity and diversity in the New Testament: The possibility of Systematic Theology. In: CARSON, D. A. & WOODBRIDGE, John D. (Eds.). **Scripture and truth**. Leicester: Intervarsity, 1983. Sobre métodos diacrônicos e sincrônicos, recomenda-se a leitura de STONE, Lawson G. Redaction criticism: Whence, Whiter, and Why? Or, Going Beyond Source and Form Criticism Without Leaving Them Behind. In: CARPENTER, Eugene E. (Ed.). **A biblical itinerary**: in search of method, form and contend: essays in honor of George W. Coats. JSOT. Sup. 240; Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, p. 77-90; BARR, James. The Synchronic, the diachronic and the historical: A triangular relationship? In: MOOR, Johannes C. de (Ed.). **Synchronic or diachronic?** A debate on method in Old Testament exegesis. DEEL XXXIV; Leiden: E. J. Brill, 1995, p. 1-14; HONG, Koog P. Synchronic and diachronic in contemporary biblical interpretation. In: **CBQ**. Seoul, v. 75, 2013, p. 525-527 e DA SILVA, Cássio Murilo Dias. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo, SP: Paulinas, 2000, p. 79-297.

¹² Boccaccini procura evitar julgamento de valor na elaboração do termo “Judaísmo médio” com objetivo de lidar com o tema exclusivamente do ponto de vista cronológico (judaísmo(s) entre os anos 300 a.C. e 200 d.C.), fazendo distinção entre o “Judaísmo antigo” ca. 6º século antes da era comum e as duas formas de judaísmos mais frequentes (o cristianismo e o judaísmo rabínico) que se estabeleceram a partir do segundo século da era comum (cf. BOCCACCINI, Gabriele. **Middle Judaism**: Jewish thought 300 B.C.E to 200 C.E. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1991, p. 7-25).

revela a diversidade pneumatológica no Antigo Testamento e no Judaísmo Médio que também é compartilhada pelo Novo Testamento. O resultado deste estudo visa auxiliar na identificação das correntes adotadas por Lucas-Atos, permitindo assim, uma melhor compreensão da pneumatologia Lucana que deverá ser avaliada nas partes 2 e 3 deste estudo.

1 O ESPÍRITO NO ANTIGO TESTAMENTO

A compreensão da atuação do Espírito no Antigo Testamento oferece algumas pistas que podem elucidar o entendimento do seu papel em Lucas-Atos. No entanto é necessário ter certo cuidado para evitar conclusões anacrônicas que provavelmente não fazem parte do horizonte histórico do texto bíblico¹³. Dessa forma é importante levar em consideração que o termo combinado קדש רוח ocorre apenas em duas ocasiões (Is 63.10-14 e Sl 51.11-13) dentro de 378 ocorrências em hebraico no Antigo Testamento (sem mencionar outros 11 casos em aramaico)¹⁴. O significado de רוח varia de forma considerável abrangendo fenômenos naturais, aspectos vitais e psíquicos e manifestações da presença divina¹⁵.

É bem provável que o termo tenha se desenvolvido paralelamente com a teologia do antigo Israel, passando por diferentes estágios onde primeiramente conceitos são emprestados dos povos vizinhos na região do Antigo Oriente Próximo e posteriormente transformados dentro da necessidade da fé do antigo Israel¹⁶.

¹³ Esse tipo de leitura distante do contexto do Antigo Testamento pode ser observado na interpretação trinitária atribuindo uma personalidade ao Espírito ou o uso de artifícios como a *dicta probantia* que não fazem justiça ao texto bíblico (e.g. WOOD, Leon J. **The Holy Spirit in the Old Testament**. Eugene, OR: Wipf and Stock, 1976, p. 18-19).

¹⁴ HORN, F. W. Holy Spirit. In: NOEL, David (Ed.) **Anchor Bible dictionary**. Vol. 3, New York, NY: Doubleday, 1992, p. 262 e KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. **Pneumatology: The Holy Spirit in ecumenical, international, and contextual perspective**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002, p. 25.

¹⁵ HORN, 1992, p. 262 e KÄRKKÄINEN, 2002, p. 25.

¹⁶ Lys apresenta uma exposição diacrônica detalhada do conceito do termo רוח no Antigo testamento (cf. LYS, D. **Rûach: le souffle dans l'Ancien Testament**. Paris: Universitaires de France, 1962). O mito de *Ba'lu* (Baal) na sua versão ugarítica possui uma longa pré-história entre os povos amoritas e a presença de paralelos significativos com o Antigo Testamento. Ela sugere a existência de uma mitologia canaanita semelhante àquela apresentada pela mitologia amonita. É possível detectar semelhanças entre textos

O Antigo Testamento geralmente apresenta o Espírito de Deus como רוח (ou אלהים / יהוה). Quando essas representações estão ausentes é possível notar a presença dos termos כבוד e ענן, ou em alguns casos a presença de יהוה, ou em alguns casos a presença de יהוה, ou em alguns casos a presença de יהוה (e.g., Êx 40.34; 1 Reis 8.10; Ez 10.18; 40.1)¹⁷.

Com exceção de Nm 24.2, em que Balaão (um indivíduo que não pertence à aliança) é submetido à atuação do רוח אלהים para o cumprimento do propósito de Deus que se sobressai a qualquer tentativa de manipulação das deidades¹⁸. Nos textos mais primitivos do Antigo Testamento, a noção de רוח como “ar em movimento” é modificada e adaptada para se referir à manifestação da atuação de Deus no mundo e à relação com seu povo (e.g., Êx 15.8, 10 e 2 Sm 22.16)¹⁹. Esse desenvolvimento é notório onde o Espírito se manifesta através de diversas atividades carismáticas (e.g., Êx 28.3; 31.3; 35.31; Jz 3.10; 6.34; 11.29; 14.6; 15.14; 1 Sm 10.5-10)²⁰. O desenvolvimento do sentido teológico de רוח é ainda mais evidente entre o exílio e o período da restauração (principalmente nos textos messiânicos), onde o Espírito aparece como agente da criação capaz de promover atos salvíficos e transformação ética (e.g., Is 32.15; 40.13-14; 42.1; Sl 33.6; Jó 26.13)²¹. O Espírito também é relacionado com o dom da interpretação e/

mitológicos ugaríticos e o Antigo Testamento em termos de conteúdo e estrutura poética (e.g., bicola e tricola). *Ba'lu* é apresentado como a principal divindade que controla os fenômenos meteorológicos tendo o vento como um de seus assistentes. Para informações detalhadas, consultar PARDEE, Dennis. Ugaritic Myths. In: HALLO, William W. & YOUNGER, K. Lawson (Eds.). **Context of scripture**. Vol. 1. Canonical compositions from the Biblical world; Leiden/New York, NY: Brill, 1997, p. 241-274. Já na versão acadiana o vento é visto como um instrumento utilizado pelas divindades e demônios. Para mais detalhes, consultar DALLEY, Stephanie. Myths. In: HALLO, William W. & YOUNGER, K. Lawson (Eds.). **Context of scripture**. Vol. 1. Canonical compositions from the Biblical world; Leiden/New York, NY: Brill, 1997, p. 377-390. Porém, na cosmologia egípcia o espírito é apresentado como uma emanção das divindades que concede vida. Para uma leitura mais detalhada consultar ALLEN, James P. Egyptian canonical compositions. In: HALLO, William W. & YOUNGER, K. Lawson (Eds.). **Context of scripture**. Vol. 1. Canonical compositions from the biblical world; Leiden/New York, NY: Brill, 1997, p. 3-27.

¹⁷ HILDEBRANDT, Wilf. **An Old Testament theology of the Spirit of God**. Peabody, MA: Hendrickson, 1995, p. 72-76.

¹⁸ HILDEBRANDT, 1995, p. 162-66.

¹⁹ NEVE, Lloyd. **The Spirit of God in the Old Testament**. Tokyo: Seibunsha, 1972, p. 5-31.

²⁰ NEVE, 1972, p. 32-43.

²¹ NEVE, 1972, p. 44-78.

ou revelação sobrenatural em Gn 41.8 e Dn 4.4, 5.15²². Entretanto, sem sombra de dúvidas, Joel 3.1-2 (que faz parte da reconstrução) ocupa papel de maior destaque na pneumatologia de Lucas-Atos. Porém, no Antigo Testamento esse texto faz parte do contexto do exílio e a reconstrução de Israel como parte da promessa futura, revelando indícios de uma escatologia embrionária²³. O texto de Joel é semelhante ao conteúdo de Is 59.21 no sentido de que ambos promovem uma democratização do Espírito de Deus a todo Israel dentro de uma nova relação garantindo o cumprimento da תורה e da בריית²⁴.

2 O ESPÍRITO NO JUDAÍSMO MÉDIO

Embora o entendimento das funções do Espírito no Antigo Testamento seja importante e relevante para o entendimento do seu papel em Lucas-Atos, existe um grande espaço temporal entre os conceitos vetero- e neotestamentários²⁵.

²² NEVE, 1972, p. 118-19.

²³ NEVE, 1972, p. 79-82.

²⁴ NEVE, 1972, p. 79-82. O Deuteronomista interpreta a quebra da aliança como uma das causas que resultaram no exílio. Deuteronomio segue o padrão dos tratados do Antigo Oriente Próximo entre suzeranos (Yaweh) e vassalos (Israel), onde o não cumprimento das obrigações resulta em maldições (sobre esse aspecto, recomenda-se a leitura de CROUCH, C. L., **Israel & the Assyrians: Deuteronomy, the succession treaty of Esarhaddon, & the Nature of subversion.** ANEM 8; GA, Society of Biblical Literature, 2014). É interessante notar que mesmo após o retorno à terra prometida, o povo de Israel continuou sob o domínio das grandes potências (e.g., Persas, Gregos e Romanos) (cf. BRUEGGEMANN, Walter. **The Land: Place as Gift, Promise, and Challenge in Biblical Faith.** 2. ed. Overtures to Biblical theology; Minneapolis, MN: Fortress Press, 2002, p. 85-122). O termo Deuteronomístico cobre um conceito mais abrangente que o termo Deuteronômico. Enquanto o primeiro deles é usado em um sentido mais amplo se referindo à linha de pensamento geralmente associada ao trabalho dos deuteronomistas, o segundo termo é usado de forma mais restrita ligada ao Deuteronomio (cf. COGGINS, Richard. What does 'Deuteronomic' mean? In: Linda L. Schearing & Steven L. McKenzie (Eds.). **Those elusive Deuteronomists: The Phenomenon of Pan-Deuteronomism.** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, p. 23).

²⁵ Existem várias propostas no decorrer da história da igreja que tentam lidar com o problema da relação entre os dois testamentos (e.g., alegoria, a proposta marcionita, dicotomia entre Lei e Evangelho, leituras literalistas do Antigo Testamento, promessa e cumprimento e harmonizações). No entanto, essas propostas falham em não levarem em conta a diferença histórica entre os dois testamentos e a diversidade de ambos, sem considerar que determinadas verdades também estão condicionadas e moldadas a determinadas situações históricas. Isso não significa que o texto bíblico não seja

Grande parte da compreensão de ideias do Antigo Testamento passa pela recepção²⁶ e interpretação do Judaísmo Médio que já tem início no período bíblico e continua até chegar ao período romano que abrange o Novo Testamento²⁷. Dessa forma,

autoritativo, mas é necessário fazer distinção entre as categorias autoritativa e inerrante, sem mencionar que existem elementos de continuidade e descontinuidade entre os dois testamentos. Além disso, elementos que retratam um Deus misericordioso estão presentes no Antigo Testamento da mesma forma que características que revelam a ira de Deus também ocorrem no Novo Testamento. Atualmente eruditos na área bíblica têm dado atenção significativa para a contribuição de novos métodos literários para as ciências bíblicas. Uma dessas novas abordagens considera o papel do(s) leitor(es) no processo interpretativo do texto. Nesse sentido, os escritores do Novo Testamento não simplesmente repetiram o Antigo Testamento, mas o interpretaram à luz do novo contexto histórico centrado em Cristo (nesse sentido recomendo a leitura de JOYCE, Paul M. *The Old Testament and its relationship to the New Testament*. In: ROGERSON, John. **Beginning Old Testament study**. 2. ed. London: SPCK, 1998, p. 132-48). Sparks apresenta algumas propostas de como evangélicos podem fazer uso de algumas contribuições da crítica bíblica de forma construtiva (cf. SPARKS, Kenton L. **God's Word in human words: an evangelical appropriation of critical scholarship**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008). Esse tipo de abertura para a combinação entre tradição e crítica bíblica já pode ser percebida na encíclica papal, *Divino Afflante Spiritu*, disponível em <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/en/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu.html>. Acesso em: 19 out. 2016.

²⁶ A recepção dos textos bíblicos começa a partir da própria Bíblia que reinterpreta a si mesma ao longo do seu processo composicional (e.g., a interpretação do Antigo Testamento pelo Judaísmo Médio e pelo próprio Novo Testamento). A reinterpretação do texto bíblico não é nenhuma novidade, pois essa questão foi debatida com frequência no decorrer da história da interpretação bíblica. Independente de suas conclusões, creio que de certa forma, Bultmann tenha dado um passo nessa direção ao aplicar uma leitura existencial ao texto bíblico cf. BULTMANN, Rudolf. In *eigener Sache*. In: **Theologische Zeitschrift**. Leipzig, v. 13, n. 4, 1957, p. 241-250. A história da recepção avança na análise da dinâmica da relação entre intérprete e texto e está fundamentada no conceito de “*Verschmelzung der Horizontes*” (cf. GADAMER, Hans-Georg. **Hermeneutik I: Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010, p. 283) que procura estudar desde a seleção do material até a sua organização dentro de uma narrativa que envolve a resposta do leitor ao texto bíblico (cf. ROBERTS, Jonathan. Introduction. In: LIEB, Michael; MASON, Emma e ROBERTS, Jonathan (Eds.). **The Oxford handbook of the reception of the Bible**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 1-3). Tanto o Judaísmo Médio quanto o próprio Novo Testamento apresentam variações significativas a respeito dessa matéria. Mesmo apresentando material em comum, os evangelhos sinópticos organizam o material veterotestamentário de forma diferente com o objetivo de servir as suas respectivas perspectivas e audiências (sugiro a leitura de DUNN, James D. G. **Unity and diversity in the New Testament: An inquiry into the character of the earliest Christianity**. 3. ed.. London: SCM Press, 2006).

²⁷ É bem provável que ideias dualistas tenham suas origens já sob a influência do período Persa e o zoroastrianismo cf. MEYERS, Eric M. *From myth to apocalyptic: Dualism in*

esta sessão procura apresentar em linhas gerais as diversas percepções acerca do Espírito em documentos que datam entre os anos 200 a.C. e 200 d.C., pois da mesma forma como ocorre no Antigo Testamento, as referências sobre o Espírito variam de forma significativa. A literatura examinada neste capítulo será dividida nas seguintes categorias: LXX e Apócrifos/Deuterocanônicos; Pseudoepígrafos; Manuscritos do Mar Morto; Josefo e Filo (e Pseudo Filo); Oráculos Sibelinos; *Targumim* e Escritos Rabínicos.

Durante o período helenístico, o termo רוח foi traduzido predominantemente como πνευμα na LXX²⁸. O significado do termo possui conotações e desenvolvimento semelhantes (porém não idênticos) àqueles referentes a רוח no Antigo Testamento variando desde vento até a noção de fôlego ou ar em movimento, e acaba sendo adotado em dois contextos distintos: no culto ao deus Apolo na região de Delfos, onde as sacerdotisas entravam em transe estático induzidas pelo πνευμα; e dentro do estoicismo que considerava o πνευμα como uma substância acima dos quatro elementos básicos que compõem todo o cosmos²⁹.

2.1 LXX

No tocante a LXX, Menzies acredita que os tradutores inseriram um novo significado ao traduzir o termo רוח por πνευμα argumentando que, com exceção do uso no contexto estoico, o termo raramente está relacionado com

the Hebrew Bible. In: LANGE, Armin et al (Eds.). **Light against darkness: Dualism in ancient Mediterranean religion and the contemporary world.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011, p. 92-106.

²⁸ KÄRKKÄINEN, 2002, p. 25. O uso do termo LXX varia entre estudiosos. Alguns eruditos restringem o uso do termo para se referir à tradução do Pentateuco fazendo uso do termo Grego Antigo para tratar da coleção completa de obras greco-judaicas enquanto outros estudiosos empregam LXX de forma mais abrangente (cf. PETERS, Melvin K. H. Septuagint. In: NOEL, David (Ed.) **Anchor Bible dictionary.** Vol. 5. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 1093). O sentido adotado neste ensaio procura seguir as orientações da International Organisation for Septuagint and Cognate Studies, cujo significado abrange as antigas traduções das Escrituras hebraicas em grego, incluindo o Pentateuco e os livros que fazem parte do cânon alexandrino. A inclusão da expressão “estudos cognatos” tem como objetivo contemplar as antigas traduções derivadas da LXX e os chamados apócrifos e pseudoepígrafos que estavam disponíveis no mesmo período cf. IOSCS, disponível em: <<http://ccat.sas.upenn.edu/ioscs/>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

²⁹ SCHWEIZER, Edward. **Heiliger Geist.** Stuttgart: Kreuz Verlag, 1978, p. 24-26.

alguma divindade. Porém, quando existe a associação entre πνευμα e Deus, o termo é frequentemente retratado como fonte da inspiração profética (cf. G-Nm 11.25-26; 1 Reino 10.6-7; Ez 2.2-3)³⁰. Apesar de concordar com Menzies sobre a expansão do termo na LXX, levanto duas objeções: a tradução de diversas obras na LXX não é consistente, pois elas seguem critérios e técnicas variadas, sendo que em alguns casos a tradução é claramente literal enquanto outros casos refletem uma paráfrase da *Vorlagen* hebraica³¹. Além disso, o fato de os tradutores inserirem novas dimensões não significa necessariamente a exclusão das perspectivas anteriores já apresentadas no Antigo Testamento. A tabela abaixo ilustra de forma clara a ampla atuação carismática do Espírito na LXX³².

Forma	Tradução	Caso/tempo	Passagens
επιμαρτυρεω	eu dou testemunho	1x no aoristo	Ne 9.29
πορευομαι	eu carrego	1x no aoristo	Ez 3.14
πιπτω	eu lanço	1x no aoristo	4 Reinos 2.16
αφιστημι	eu parto	1x no aoristo	1 Sm 16.14
πιπτω	eu caio em	1x no aoristo	Ez 11.5
	eu saio com	1x no aoristo	Jz 13.25
αφαιρεω	eu tiro de	1x no futuro	Nm 11.17
ερχομαι	eu venho sobre	2x no aoristo	Ez 2.2; 3.24
εχο	eu tenho	2x no presente	Gn 41.38; Nm 27.18
εξαιρω	eu levanto	2x no aoristo	Ez 2.2; 3.14
επιτιθημι	eu ponho sobre	2x no futuro/ aoristo	Nm 11.17, 25
αιρω	eu levanto	2x no aoristo	3 Reinos 18.12; 4 Reinos 2.16

³⁰ MENZIES, Robert P. **Empowered for witness: The Spirit in Luke-Acts**. London: T&T Clark, 2004, p. 49-50.

³¹ Os problemas levantados no processo da tradução são amplamente discutidos em BENJAMIN, Walter. Die Aufgabe des Übersetzers. In: BENJAMIN, Walter (Ed.). **Gesammelte Schriften, unter Mitwirkung von Theodor W. Adorno und Gershom Scholem, herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Scwepenhäuser**. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1972, p. 9-21. Para critérios de tradução da LXX, recomendo a leitura de TOV, Emanuel & WRIGHT, B. G. Computer-assisted study of the criteria for assessing the literalness of translation units in the Septuagint. In: **Textus**. Jerusalem, v.12, 1985, p. 152-159, p. 181-187. Sobre técnicas de tradução da LXX recomendo a leitura de TOV, Emanuel. The nature and study of the translation technique of the Septuagint. In: TOV, Emanuel. **The Greek and Hebrew Bible: Collected essays on the Septuagint**. VT Sup. 72; Atlanta, GA: SBL, 1999, p. 239-40.

³² Tabela adaptada de STRONGSTAD, Roger. **The charismatic theology of St. Luke**. Peabody, MA: Hendrickson, 1984, p. 17-18.

λεγω	eu falo	2x no aoristo	Ez 3.24; 11.5
ισημι	eu levanto	2x no aoristo	Ez 2.2; 3.24
λαλεω	eu falo	2x no aoristo	2 Sm 23.2; Ez 3.24
ενδωω	eu visto	3x no aoristo	Jz 6.24; 1 Cr 12.18; 2 Cr 24.20
διδωμι	eu dou	3x no aoristo	Nm 11.29; Ne 9.20; Is 42.1
εμπιπλημι	eu encho	4x no aoristo	Ex 28.3; 31.3; 35.31; Dt 34.9
επαναπαυω	eu descanso sobre	5x no aoristo	Nm 11.25-26; 3 Reinos 2.15; Is 11.2
αγω	eu guio	5x no aoristo	Ez 8.3; 11.1, 24; 37.1; 43.5
εφ/αλλομαι	eu venho sobre	7x no aoristo	Jz 14.6, 9; 1 Reinos 10.6, 10; 11.6; 16.13
αναλαμβάνω	eu assumo	7x no aoristo	Ez 2.2; 3.12, 14; 8.3; 11.1, 24; 43.5
γίνομαι	eu venho sobre	9x no aoristo	Nm 23.6; 24.2; Jz 3.10; 11.29; 1 Reinos 19.20, 23; 3 Reinos 2.9; 2 Cr 15.1; 20.14

Parte do problema da abordagem de Menzies está na sua definição rígida do termo “Espírito da profecia” que ele atribui exclusivamente aos discursos invasivos e inspirados³³. Enquanto Turner, em contrapartida, apresenta uma interpretação mais flexível sobre o conceito, argumentando que a atividade do Espírito é muito mais abrangente que a inspiração profética, incluindo manifestações carismáticas variadas e até mesmo participação soteriológica e transformadora³⁴. Essas manifestações carismáticas que incluem aspectos redentivos e éticos atrelados ao πνευμα podem ser observadas em diversos escritos do Judaísmo Médio³⁵. Mesmo que não seja imediatamente evidente a relação entre o πνευμα e as diversas manifestações (carismáticas, salvíficas e transformadoras), o contexto que cerca as passagens que fazem referência à atuação do πνευμα confirmam essa ampla atuação.

³³ MENZIES, 2004, p. 44-45.

³⁴ TURNER, Max. **Power from on high**: The Spirit in Israel’s restoration and witness in Luke-Acts. JPT Sup. 9. Sheffield: Sheffield Academic, 1996, p. 90-91.

³⁵ Para detalhes técnicos consultar CHARLESWORTH, J. H. **The Old Testament Pseudepigrapha**. Vols. 1 & 2. New York, NY: Doubleday, 1983/1985.

2.2 Apócrifos/Deuterocanônicos³⁶

Nos textos Apócrifos/Deuterocanônicos o πνευμα é descrito como atuante em diversas esferas, por exemplo, como algo despertado dentro do indivíduo com dons sapienciais -πνευμα συνεσεως- (cf. Sus. (Teod.) 45b)³⁷; e envolvido na criação (cf. Jdt 16.14)³⁸. Mas é provavelmente nos livros de Sabedoria e Siraque que o πνευμα é apresentado dentro de um amplo campo de atuação. Além de um forte componente ético e sapiencial (cf. Sb 1.5-7) o πνευμα é descrito como “aquele que preenche e sustenta todas as coisas e a fonte de sabedoria para o discernimento” (cf. Sb 1.7, 7.22 e Sir 39.6³⁹) e se manifesta de forma poderosa (δυναμεως) (cf. Sb 11.20), podendo até encher indivíduos com a sua presença para o cumprimento das tarefas que lhe foram designadas (cf. Sir 48.12) e trazer revelação (μεγαλω πνευματι ιδεν τα εσχατα) cf. Sir 48.24⁴⁰.

³⁶ O termo “apócrifo” significa “coisas encobertas” cf. PATTERSON, Stephen J. Apocrypha. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. Vol. 3. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 292. O termo possui conotações distintas em diferentes grupos denominacionais. Protestantes usam o termo apócrifo para fazer referência à coleção de escritos que a igreja católica e outras denominações cristãs chamam de Deuterocanônicos, cf. VANDERKAM, James C. **An introduction to early Judaism**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2001, p. 54-55.

³⁷ Nos textos alexandrinos existe uma frequente identificação do πνευμα com αγγελος.

³⁸ Observe o paralelo entre ότι ειπας e απεστειλας σου το πνευμα και ωκοδουμινεν, onde claramente se refere a σου η κτισις no início do verso.

³⁹ Note o uso dos verbos απαναστησεται e ελεγχθησεται na relação entre o αγιον πνευμα παιδειας e o αδικιας (Sab 1.5). Já no verso seguinte o autor usa πνευμα σοφια para disciplinar o βλασφημου e no verso 7 ele menciona que o πνευμα κυριου πεπληρωκεν την οικουμενην και το συνεχου τα παντα. Nesse sentido também é possível identificar uma aproximação do πνευμα com a cosmovisão estoica cf. STERLING, Gregory E. (Ed.). **The ancestral Philosophy: Hellenistic philosophy in the Second Temple Judaism: Essays of David Winston**. BJS 4; SPM 4; Providence, RI: Brown Judaic Studies, 2001, p. 35. De forma semelhante ao livro de Sabedoria, Sir 39.6 usa os termos πνευματι συνεσεως e πνευματα σοφιας.

⁴⁰ O verso atribui o fato de Elias εσκεπασθη εν λαιλαπι e Eliseu ενεπλησθη αυτου πνευματος como fator decisivo para que nenhum governante os impedissem.

2.3 Pseudoepígrafos⁴¹

Os Pseudoepígrafos também apresentam variações semelhantes em relação ao campo de atuação do πνευμα. Em algumas ocorrências é possível observar as qualidades de doador da vida (cf. Ap. Mos 43.4; 2 Br 23.5; 1 En 61.7, Ascen. Jos 8.9, 19.11; Jub 5.8) e da manifestação de diversas formas de poder cf. Ap. Zef; 2 Br 6.3⁴². Mas o aspecto sapiencial que promove entendimento, revelação e profecia continuam presentes (e.g., *Eus. Praep. Ev.* 8.9.38-8.10.17: F2.4; 2 Br 75.3-4; 1 En 49.2-3; 61.7, 11-17; 4 Ed 5.22; 14.22; Sl. Sal. 17.37; 18.7; 1 En 91.1; Jub 40.5; 25.14; 31.12; 40.5; Mart. Is 5.15; 6.5-10). De forma semelhante à tradição sapiencial, o πνευμα também é apontado como o criador e sustentador do universo (cf. 2 Br 21.4) e relacionado com aspectos éticos (cf. Sl. Sal. 17.37; 1 En 62.1-2 e Jub 1.20-21, 23-25; Mart. Is 6.17)⁴³. Talvez a principal novidade nos Pseudoepígrafos seja a presença da dimensão doxológica atribuída ao πνευμα (cf. Hist. Rec. 16.7; Mart. Is 1.7; 8.21; 9.23-36, 40; 11.28).

⁴¹ Este termo se refere a uma forma reversa de plágio e diz respeito ao corpo literário que atribui sua autoria a algum nome amplamente reconhecido na antiguidade. Ocasionalmente católicos utilizam o termo para se referir aos apócrifos (cf. VANDERKAM, 2001, p. 56-57).

⁴² Apocalipse de Zefânias se encontra disponível apenas de forma fragmentária em Clem. Alex. *Strom.* 5.11.77, onde descreve uma forma de arrebatamento (και ανελαβεν με πνευμα και ανηγκεν με εις ουρανον πεμπτον). Apesar de 2 Baruque (ou Apocalipse de Baruque) ter sido originalmente escrito em grego, essa obra se encontra disponível na sua maior parte em siríaco como ocorre com outras obras pseudoepígrafas mencionadas nessa sessão.

⁴³ Eruditos acreditam que o livro do Jubileu tenha sido escrito em hebraico e depois traduzido para o grego e possivelmente para o siríaco, porém não existem cópias disponíveis nessas línguas. Os únicos acessos a esse livro são através das traduções do grego para o latim e o etíope. Apesar de não fazer parte do cânon Protestante, o livro do Jubileu é citado com certa frequência por escritores antigos e faz parte dos cânons da igreja Ortodoxa Etíope e judeus etíopes (cf. VANDERKAM, James C. Jubilee, the book. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible dictionary**. Vol. 3, New York, NY: Doubleday, 1992, p. 1030-32). O livro do Jubileu apresenta uma teologia significativamente parecida com aquela da aliança (Dt 27-32) em termos éticos. Apesar da complexidade desse livro, fica evidente a dicotomia apresentada entre Israel e as nações (e.g., Jub 15.31-3), onde o termo πνευμα também desempenha um papel fundamental (cf. ELLIOT, Mark Adam. **The survivors of Israel: a reconsideration of the theology of Pre-Christian Judaism**. Grand Rapids, MI: William R. Eerdmans Publishing Company, 2000, p. 396-97).

2.4 Qumran⁴⁴

Embora muitos dos manuscritos de Qumran sejam fragmentários, ainda assim é possível observar algumas características sobre o Espírito que se destacam. De forma semelhante ao livro de Jubileu, fica evidente que essa comunidade atribuía ao רוח a consciência de que ela era parte da aliança (e.g., 1Q34.2.6-7; 1QH16.6-7)⁴⁵. O caráter sectário de Qumran também não surpreende ao apresentar uma dicotomia entre a carne e o espírito que é bastante explícita entre os seus membros e aqueles que não fazem parte da comunidade (e.g., 1QH 4.31; 1QH14.11; 1QS 3.18-19; 1QS 4.20; 1QS 4.20-23)⁴⁶. Grande parte dessa dicotomia envolve aspectos éticos, santificadores e purificadores desempenhados pelo רוח (e.g., 1QH 14.25; 1QH 16.6-7; 1QH 16.11b-12; 1QS 4.20-23; 1QS 9.3)⁴⁷, que à semelhança de algumas passagens veterotestamentárias, alguns apócrifos e pseudoepígrafos, também entende que o רוח é um dom concedido à comunidade (e.g., 1QH 7.6-7; 1QH 17.17; 1QH 17.25-26). Aparentemente a comunidade de Qumran entendeu que o רוח , que promove a capacitação ética e santificação, é o mesmo que teria capacitado Moisés e os profetas (e.g., 1QS 8.14-16; 4Q381). Uma breve linha (13) no manuscrito B do fragmento 4Q416, chega a sugerir que

⁴⁴ O nome Qumran se trata de um assentamento arqueológico próximo ao Mar Morto, onde por acaso foram inicialmente encontrados diversos manuscritos (bíblicos e extrabíblicos) em várias cavernas por pastores beduínos e mais tarde, entre 1946 e 1947, despertou grande interesse por arqueólogos (cf. VANDERKAM, 2001, p. 150-65). O uso do termo Qumran neste ensaio será restrito aos escritos extrabíblicos. Muitos deles estão disponíveis apenas em caráter fragmentário e algumas tentativas de reconstrução podem ser encontradas em BROSHI, Magen et al. **Qumran Cave 4.XIV: Parabiblical Texts, Part 2. Discoveries in the Judaean Desert 19**. Oxford: Clarendon Press, 1995. Para um estudo aprofundado sobre o impacto de Qumran nos estudos neotestamentário, recomendo a leitura de EISEMANMAN, Robert. **The Dead Sea Scrolls and the first Christians**. Essays and translations. Shaftesbury: Element, 1996.

⁴⁵ Sobre a consciência da comunidade em relação à aliança recomendo a leitura de CHRISTIANSE, Ellen Juhl. The Consciousness of belonging to God's covenant and what it entails according to the Damascus document of the Community Rule. In: CRYER, Frederick H. E THOMPSON, Thomas L. **Qumran between the Old and the New Testaments**. JSOT Sup. 290; CIS 6. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p. 69-96.

⁴⁶ FRISH, Alexandria e SCHIFFMAN, Lawrence H. The body in Qumran literature: flesh and spirit, purity and impurity in the Dead Sea Scrolls. In: **Dead Sea Discoveries**. Leiden, v. 23, n. 2, 2016, p. 155-182.

⁴⁷ Em relação ao aspecto ético em Qumran, recomendo HARRINGTON, Hannah K. **The purity text**. London: T&T Clark, 2004.

o מר repousará no Messias. Entre os atributos já mencionados é possível que a sensibilidade, revelação, condução, conhecimento e entendimentos esotéricos e carismáticos (1QH 9.32; 1QH 12.11-13; 1QH 13.18-19; 1QH 14.12b-13; 1QH 14.25; 1QSb 5.24-25) sejam as características mais predominantes em Qumran.

2.5 Josefo & Filo (e Pseudo-Filo)⁴⁸

Embora Josefo não especifique a natureza do πνευμα antes da criação, ele reconhece a sua presença (cf. AJ 1.27). Josefo e Filo fazem ligações entre o πνευμα e o dom da vida (cf. AJ 1.34; Det. Pot. Ins. 80-81). Aparentemente Josefo iguala o πνευμα com anjo (αγγελου θειου/θειου πνευματος) (cf. AJ 4.108)⁴⁹. De forma semelhante a algumas referências já apresentadas no Antigo Testamento, o πνευμα se manifesta através de transe extático, discursos proféticos e revelação (cf. AJ 4.119; 6.166, 222-23; AJ 10.239), habitando no templo (cf. AJ 8.114) com presença poderosa (cf. AJ 8.347). Em Filo, a relação dicotômica entre o πνευμα e o justo e o ímpio também continua presente (cf. Gig.19, 53) ao lado da associação do πνευμα divino com a capacidade intelectual de forma semelhante aos escritos sapienciais apresentados nos apócrifos e pseudoepígrafos (cf. Det. Pot. Ins. 81-84; Gig 24, 27; Leg. All.I.37, 42; Som.II.252). Porém é a ligação entre o πνευμα e a profecia que parece ser a contribuição mais singular de Filo (e.g., Fuga 186; Spec. Leg.IV.49; Virt.217; Vita Mos.I.175, 277; Vita Mos.II.265). A importância dessa conexão entre o πνευμα e a profecia é relevante, pois embora o termo só apareça tardiamente no judaísmo rabínico, a presença dessa relação em Filo sugere que a noção de Espírito da profecia já se encontrava disponível anteriormente, e consequentemente, essa noção estava ao alcance dos escritores neotestamentários.

⁴⁸ Para detalhes técnicos, recomendo consultar HEINEMANN, William. **Select work of Flavius Josephus**. Vols. 1 – 8. Cambridge, MA: Harvard University Press & G.P. Putnam's Sons, 1966 e COLSON, F. H.; WHITAKER, George Herbert and MARCUS, Ralph. **Philo**: in ten volumes (and two supplementary volumes). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991. Embora o acesso à obra de Pseudo Filo esteja disponível apenas pela tradução em latim, existem fortes indícios de que a obra tenha sido escrita originalmente no grego e até mesmo no hebraico (cf. HARRINGTON, Daniel J. Philo, Pseudo-. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. Vol. 5. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 344-345. Para detalhes técnicos recomendo consultar a edição crítica de JACOBSON, Howard. **A commentary on Pseudo-Philo's liber antiquitatum biblicarum with Latin texts and English translation**. Vols. 1 – 2. Leiden: Brill, 1996).

⁴⁹ Essa associação entre o πνευμα e anjo é algo que ocorre com certa frequência nos escritos alexandrinos.

A disponibilidade da noção do Espírito da profecia, ainda cedo, também pode ser confirmada em pseudo Filo que também faz conexões diretas entre *spiritum* e discursos proféticos (cf. PsFilo 18.10; 28.6). No entanto, a presença da noção de Espírito da profecia em pseudo Filo não é o aspecto de maior diferencial nesses escritos, mas sim a expansão dos atributos ligados ao Espírito da profecia que não se restringem ao discurso profético, pois a revelação, poder e inspiração doxológica também são atribuídos ao *spiritum* (cf. PsFilo 9.10; 27.9-10 e 31.9).

2.6 Oráculos Sibelinos⁵⁰

Em duas ocasiões os oráculos sibelinos fazem associação entre o πνευμα e a vida, onde pelo menos uma delas parece estar dentro de um contexto escatológico (πνευμα θεου δοντος ζωην) (cf. O.Sib. IV 46, 189). Em outro caso, existe aparentemente uma ligação entre o papel do πνευμα e o aspecto ético (αμειστος) (cf. O.Sib. III 701).

2.7 Targumim⁵¹

Os *targumim* apresentam interpretações de textos veterotestamentários sobre os atributos do Espírito. Porém existe uma frequência significativa do uso do termo combinado “Espírito Santo” que é frequentemente relacionado à capacitação profética (e.g., T^J-Gn 27.5; 30.25; T^J-Dt 18.15, 18; T^f-Is 40.13, 59.21).

⁵⁰ Os oráculos sibelinos são uma coleção de pronunciamentos proféticos escritos em grego (alguns deles possuem origem judaica), ligados a uma figura feminina que profetizava em transe (cf. COLLINS, John J. Sibylline oracles. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. Vol. 6. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 2-6. Para detalhes técnicos, recomendo consultar BUITENWERF, Rieuwerd. **Book III of the Sibylline oracles and its social settings with an introduction, translation, and commentary**. Leiden: Brill, 2003 e CHARLESWORTH, 2001).

⁵¹ Os *targumim* são traduções dos textos do Antigo Testamento em aramaico (exceto os livros de Esdras-Neemias e Daniel). Embora os *Targumim* compartilhem do mesmo gênero literário interpretativo do *midrash*, existem algumas diferenças, pois geralmente os *targumim* não recorrem às autoridades rabínicas enquanto os *midrash* procuram se manter dentro dos limites do campo da tradução (cf. ALEXANDER, Philip S. **Targum, targumim**. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. Vol. 6. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 320-31). Para um estudo introdutório do uso dos *targumim* nos estudos do Novo Testamento recomendo a leitura de MCNAMARA, Martin. **Targum and testament: Aramaic paraphrases of the Hebrew Bible: A light on the New Testament**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1972.

Porém os *targumim* não limitam a atividade do Espírito Santo aos discursos proféticos, pois em muitos casos eles explicitam algo que já estava implícito no próprio Antigo Testamento ou no *corpus* extrabíblico mencionado acima (e.g., revelação sobrenatural, sabedoria, conhecimento, habilidade, inteligência, cf. T^J-Gn 27.5, 42; 31.21-22; 37.33; T^{III}-Gn 37.33; T^N-Gn 37.33; 42.1; 43.14; T^N-Ex 15.10; 28.3; 31.3; T-Ex 31.3; 35.3; T^J-Ex 31.3, 6; 35.31; 37.8; T-Dt 34.9; T^J-Dt 34.9; T^{III}-Dt 34.9; T^f-2Reis 5.26; T^f-Is 11.1-2; 42.1-2). Em outros casos, o teor interpretativo dos *targumim* parece mais evidente. Por exemplo, T^N e T^J interpretam Gn 1.2 e 8.1 como “espírito de misericórdia” e os *targumim* que correspondem ao livro de Ezequiel substituem o termo “mão do SENHOR” pelo termo “Espírito da profecia” (cf. T^f-Ez 1.3, 3.14, 22; 8.1-3; 37.1; 40.1-2). Isso sugere que os *targumim* parecem identificar o “Espírito Santo” com o “Espírito da profecia”, pois ele também é considerado como fonte inspiradora para o discurso profético e da revelação e entendimento (cf. T^f-Ez 3.24; T^f-2Sm 23.1-2; T^f-2Reis 5.26; T-Sl 45.3; T-Job 32.8). Essa frequência do termo “Espírito da profecia” nos *targumim*, ao lado dos escritos rabínicos que serão discutidos a seguir, sugere de certa maneira a cristalização desse termo (e.g., T^J-Gn 41.38; 45.27; T-Gn 41.38; T^N-Ex 2.12; T-Nm 11.25; T^J-Nm 11.25-26; T^{III}-Nm 11.28; T^f-Jz 3.10; T^f-Is 61.1-2).⁵² De certa forma, discursos doxológicos inspirados pelo Espírito também poderiam se enquadrar na categoria de discursos proféticos (e.g., T^f-1Sm 10.6; 19.20, 23; T^f-Ez 3.12) que na prática envolve o reconhecimento do SENHOR (cf. T^f-Is 44.3). No entanto, a identificação do termo “Espírito Santo” com o “Espírito da profecia” permite entender que o campo de atuação vai muito além da simples inspiração do discurso profético. Dessa forma, é possível detectar que a atuação do Espírito envolve de alguma forma, aspectos éticos (e.g., T^N e T^J-Gn 6.3; T^f-Ez 36.25-27) e manifestação de poder (e.g., T^f-Jz 13.25; T^f-1Sm 14.19; 15.14; 16.13-14). Essa manifestação de poder pode ocorrer de diversas formas, incluindo o transporte miraculoso de determinados indivíduos (e.g., T^f-1Rs 18.12; 2.9, 16; T^f-Ez 11.1, 24; 43.5). Dentro desse amplo campo de atuação é possível entender que o Espírito funciona como uma ponte de contato entre o SENHOR e os indivíduos tornando a comunicação entre as duas partes possível (cf. T^J-Dt 5.14; T^f-Ez 11.5).

⁵² Isso não significa que a noção de Espírito da profecia já estivesse disponível antes.

2.8 Escritos Rabínicos⁵³

Como foi mencionado anteriormente, enquanto os *targumim* não recorrem às autoridades religiosas, os escritos rabínicos fazem uso desse recurso de forma frequente. Além disso, de forma semelhante aos *targumim*, o termo “Espírito da profecia” ocorre com bastante frequência e é usado como sinônimo ao “Espírito Santo” (cf. *Mek. Pisha* 1). Noções do papel do Espírito em relação à transformação ética, funções soteriológicas, manifestação de poder, transporte sobrenatural, revelação, sabedoria e entendimento, e inspirações, profética e doxológica, são explícitas (e.g., *Pes* 2.15, 117a; *Sot* 1.4; 6.2; 11b; 12.5; *Shebi* 9.1; *AbZa* 20b; *Ber* 31b; *Suk* 52b; *Yom* 73b; *Mek. Pisha* 13; *Mek. Beshallah* 3, 7; *Mek. Shirata* 1, 3, 7; *Sifre* Dt 18.12; GnR 2.4; 37.7; 45.5; 75.8; 79.6; 84.19; 85.12; 93.12; 97; ExR 1.22, 28; 23.2; ExR 40.1; 48.4; 52.4; LevR 1.3; 6.1; 8.2; 15.2; 21.8; 32.4; NmR 9.49; 14.21; 15.25; 19.3; 20.7, 12, 19; 21.9; LmR 3.49; CantaresR 1.1-11; RuteR 4.3, 8; EcR 3.21; 10.17; MidrPs 10.6; 14.6; 24.1; 73.4; 105.4; 'Agg. Ber. 23.2; PesR 1.6; 3.4; 30.1; 32.1; *Tanchuma*; *Seder 'Olam Rabbah* 30.139; MHG Gn 140, 242, 513, 531, 604; 854)⁵⁴. Em alguns casos, algumas ideias novas aparecem mais desenvolvidas do que na literatura extrabíblica tratada acima (e.g., os dualismos cf. *Ber* 31b-32a; *Sanh* 65b; LmR 2.4). Da mesma forma que os *targumim* têm a tendência de tornar mais explícito as insinuações de que são apenas aparentes no Antigo Testamento, os escritos rabínicos fazem ligação direta sobre a relação entre o Espírito, santificação e ressurreição (cf. *Sot* 9.15; GnR 96.5). Talvez o ponto de maior discussão pareça repousar sobre o conceito do “período do silêncio” que parece entender que as profecias cessaram com o fim dos últimos profetas do Antigo Testamento (cf. *Sot* 13.3-4; *Yom* 9b; EcR 121.7). Porém, esse entendimento parece entrar em conflito com os escritos extrabíblicos que foram expostos acima e até mesmo os escritos rabínicos, pois essa vasta literatura não sustenta que o papel do Espírito tenha cessado com os últimos profetas veterotestamentários.

⁵³ Este último grupo envolve os seguintes materiais: *Mishnah* e *Tosefta*, Talmude e tratados, *Midrashim* halakaicos e exegéticos e outras obras do tipo *haggadah* e compilações. Para uma introdução sobre o uso da literatura rabínica nos estudos neotestamentários recomendo a leitura dos ensaios publicados em BIERINGER, Reimund et al. (Eds.). **The New Testament and Rabbinic literature**. Leiden: Brill, 2010 e SANDERS, E. P. **Jewish law from Jesus to Mishnah**. London: SCM Press, 1990.

⁵⁴ Em algumas ocorrências, o termo שכינה “minha presença divina” é utilizado como sinônimo de Espírito e.g., DtR 6.14 e possivelmente *Piqe Hechalot Rabbathi* 31.5.

CONCLUSÃO

O papel do Espírito tem sido objeto de discussão significativa no decorrer da história da igreja. No entanto, nem sempre as conclusões fazem justiça (jus) ao texto bíblico no seu aspecto histórico. Isso, porém não significa que as percepções acerca do Espírito no decorrer da história cristã devam ser descartadas. Aparentemente, essas percepções podem ser tentativas de descrever as diversas experiências do/no Espírito, embora em alguns casos não se tenha utilizado a linguagem teológica mais adequada. Com rara exceção, o Antigo Testamento descreve a atuação do Espírito no povo da aliança. Mesmo quando a sua atuação ocorre com indivíduos fora da aliança, ela ainda está relacionada ao propósito divino para com o povo da aliança. Um aspecto importante para ser considerado é que o Antigo Testamento adapta as noções como “vento,” “ar em movimento” e “respiração” dos povos vizinhos para servir sua própria pneumatologia, em que o Espírito é apresentado como uma manifestação poderosa, invisível e perceptível da própria divindade que é responsável pela concessão da vida. Esse ponto, ao lado do ambiente polêmico contra o politeísmo presente no ambiente do Antigo Oriente Próximo, sugerem fortemente que o Espírito funciona como uma extensão (ou a presença) do próprio Deus. Essas observações são essenciais para evitarmos anacronismos que fogem do significado original apresentado pelo Antigo Testamento. É importante também notarmos que a presença de Yahweh através do Espírito não se limita ao discurso profético, pois é possível constatar em vários casos que o campo de atuação é muito mais amplo, envolvendo até mesmo manifestações de poder e milagre. Isso não significa que o Antigo Testamento não tenha sido reinterpretado, pois isso de fato já tem início no próprio Antigo Testamento e continua com maior intensidade no Judaísmo Médio com influência de novos desdobramentos históricos, sociais e expectativas escatológicas. Porém, de forma nenhuma, esse novo desenvolvimento pneumatológico no Judaísmo Médio cancela as percepções já retratadas no Antigo Testamento. Pelo contrário, elas são mantidas e ampliadas no Judaísmo Médio. Existe, porém, uma acentuação da dicotomia entre a carne e o Espírito no Judaísmo Médio além de certa identificação entre Espírito e anjo em algumas vertentes do Judaísmo Médio. Embora o termo “Espírito da profecia” não seja evidente em grande parte do Judaísmo Médio anterior aos escritos Rabínicos, a noção do conceito já se encontra presente. Os termos “Espírito Santo” e “Espírito da profecia” são praticamente

usados de forma intercambiáveis na literatura posterior. A atuação do Espírito, nos discursos proféticos, ganha maiores detalhes nesses escritos extrabíblicos, mas nem por isso excluem manifestações de poder e milagre que ocorrem com frequência na relação com o povo (ou grupo) da aliança. A relação entre a atuação do Espírito e as expectativas escatológicas está em grande parte fundamentada em textos que reinterpretem os profetas tardios no Antigo Testamento. A segunda parte deste ensaio terá o objetivo de explorar quais desses aspectos foram aproveitados no evangelho lucano dando espaço para a sua própria voz, evitando harmonização com as cartas paulinas quando desnecessário. Já a terceira parte irá explorar como Atos dá continuidade a pneumatologia apresentada no evangelho de Lucas.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Philip S. Targum, targumim. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. Vol. 6. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 320-331.
- ALLEN, James P. Egyptian canonical compositions. In: HALLO, William W. & YOUNGER, K. Lawson (Eds.). **Context of scripture**. Vol. 1. Leiden/New York, NY: Brill, 1997, p. 1-27.
- BARR, James. The Synchronic, the diachronic and the historical: A Triangular Relationship? In: MOOR, Johannes C. de (Ed.). **Synchronic or diachronic? A debate on method in Old Testament Exegesis**. Leiden: E. J. Brill, 1995, p. 1-14.
- BENJAMIN, Walter. Die Aufgabe des Übersetzers. In: BENJAMIN, Walter (Ed.). **Gesammelte Schriften, unter Mitwirkung von Theodor W. Adorno und Gershom Scholem, herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser**. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1972, p. 9-21.
- BIERINGER, Reimund; MARTÍNEZ, Florentino García; POLLEFEYT, Didier & TOMSON, Peter J. (Eds.). **The New Testament and Rabbinic literature**. Leiden: Brill, 2010.
- BOCCACCINI, Gabriele. **Middle Judaism: Jewish thought 300 B.C.E to 200 C.E**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1991.
- BROSHI, Magen; ESHEL, Esther; FITZMYER, Joseph; LARSON, Erik; NEWSOM, Carol; SCHIFFMAN, Lawrence; SMITH, Mark; STONE, Michael; STRUGNELL, John; YARDENI, Ada; in consultation with VANDERKAM, James C. **Qumran Cave 4.XIV: Parabiblical Texts, Part 2. Discoveries in the Judaean Desert 19**. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- BRUNER, F. D. **A theology of the Holy Spirit: The Pentecostal experience and the New Testament witness**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1970.
- BULTMANN, Rudolf. In eigener Sache. In: **Theologische Zeitschrift**. Leipzig, v. 13, 1957, p. 241-250.
- CARSON, D. A. Unity and diversity in the New Testament: The possibility of Systematic Theology. In: CARSON, D. A. & WOODBRIDGE, John D. (Eds.). **Scripture and truth** Leicester: Intervarsity, 1983.
- CHARLESWORTH, J. H. **The Old Testament Pseudepigrapha**. Vols 1 & 2. New York,

- NY: Doubleday, 1983/1985.
- CHRISTIANSE, Ellen Juhl. The consciousness of belonging to God's covenant and what it entails according to the Damascus document of the Community Rule. In: CRYER, Frederick H. E THOMPSON, Thomas L. **Qumran between the Old and the New Testaments**. JSOT Sup. 290; CIS 6; Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p. 69-96.
- COGGINS, Richard. What does 'Deuteronomic' mean? In: Linda L. Schearing & Steven L. McKenzie (Eds.). **Those elusive Deuteronomists: The Phenomenon of Pan-Deuteronomism**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, p. 22-34.
- COLLINS, John J. Sibylline oracles. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. Vol. 6. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 2-6.
- COLSON, F. H.; WHITAKER, George Herbert and MARCUS, Ralph. **Philo**: in ten volumes (and two supplementary volumes). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.
- CROUCH, C. L., **Israel & the Assyrians: Deuteronomy, the succession treaty of Esarhaddon, & the Nature of subversion**. GA, Society of Biblical Literature, 2014.
- DA SILVA, Cássio Murilo Dias. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo, SP: Paulinas, 2000.
- DALLEY, Stephanie. Myths. In: HALLO, William W. & YOUNGER, K. Lawson (Eds.). **Context of scripture**. Vol. 1. Leiden/New York, NY: Brill, 1997, p. 377-90.
- DUNN, James D. G. **Unity and Diversity in the New Testament: An inquiry into the character of the earliest Christianity**. 3ª edição, London: SCM Press, 2006.
- ELLIOTT, Mark Adam. **The survivors of Israel: A reconsideration of the Theology of pre-Christian Judaism**. Grand Rapids, MI: William R. Eerdmans Publishing Company, 2000.
- EISEMANMAN, Robert. **The Dead Sea Scrolls and the first Christians**. Essays and translations. Shaftesbury: Element, 1996.
- FLETCHER, John. **The work of John Fletcher**. Vols. 1 – 5. New York, NY: Carlton and Porter, 1833.
- FRISH, Alexandria e SCHIFFMAN, Lawrence H. The body in Qumran literature: flesh and spirit, purity and impurity in the Dead Sea Scrolls. In: **Dead Sea discoveries**. Leiden, v. 23, n. 2, 2016, p. 155-182.
- GADAMER, Hans-Georg. **Hermeneutik I: Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010.
- GOFF, James R. Jr. Initial tongues in the theology of Charles Fox Parham. In: MCGEE, Gary B. (Ed.). **Initial evidence: Historical and biblical perspectives on the Pentecostal doctrine of Spirit baptism**. Eugene, OR: Wipf Stock, 1991, p. 57-71.
- GREEN, Joel B. e TURNER, Max (Eds.). **Between two horizons: Spanning New Testament studies & Systematic Theology**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2000.
- HAMILTON, James M. Jr. **God's indwelling presence: The Holy Spirit in the Old & New Testaments**. Nashville, TN: B&H Academic, 2006.
- HARRINGTON, Daniel J. Philo, Pseudo-. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. Vol. 5. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 344-45.
- HARRINGTON, Hannah K. **The purity texts**. London: T&T Clark, 2004.
- HEINEMANN, William. **Select work of Flavius Josephus**. Vols. 1 – 8. Cambridge, MA: Harvard University Press & G.P. Putnam's Sons, 1966.
- HILDEBRANDT, Wilf. **An Old Testament Theology of the Spirit of God**. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1995.
- HONG, Koog P. Synchronic and diachronic in contemporary biblical interpretation. In: **CBQ**. Seoul, v. 75, 2013, p. 525-527.

- HORN, F. W. Holy Spirit. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible dictionary**. Vol. 3. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 260-80.
- JACOBSON, Howard. **A commentary on Pseudo-Philo's *liber antiquitatum biblicarum* with Latin texts and English translation**. Vols. 1 – 2. Leiden: Brill, 1996.
- JOYCE, Paul. The Old Testament and its relationship to the New Testament. In: Org. ROGERSON, John (Ed.) **Beginning Old Testament study**. London: SPCK, 1998, p. 132-148.
- KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. **Pneumatology: The Holy Spirit in ecumenical, international, and contextual perspective**. Grand Rapids, MI: Barker Academic, 2002.
- LEDERLE, H. I. **Treasures Old and New: Interpretations of "Spirit-baptism" in the Charismatic renewal movement**. Peabody, MA: Hendrickson, 1988.
- LEVISON, John R. **The Spirit in first-century Judaism**. Boston, MA/Leiden: Brill, 2002.
- LLOYD-JONES, Martin. **Joy unspeakable: power and renewal in the Holy Spirit**. Eastbourne: Kingsway, 1984.
- MCNAMARA, Martin. **Targum and testament: Aramaic paraphrases of the Hebrew Bible: A light on the New Testament**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1972.
- MENZIES, Robert P. **Empowered for witness: The Spirit in Luke-Acts**. London: T&T Clark, 2004.
- MEYERS, Eric M. From myth to apocalyptic: Dualism in the Hebrew Bible. In: LANGE, Armin; MEYERS, Eric M.; REYNOLDS III, Bennie H. e STYERS, Randall (Eds.) **Light against darkness: Dualism in ancient Mediterranean religion and the contemporary world**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011, p. 92-106.
- NEVE, Lloyd. **The Spirit of God in the Old Testament**. Tokyo: Seibunsha, 1972.
- PARDEE, Dennis. Ugaritic Myths. In: HALLO, William W. & YOUNGER, K. Lawson (Eds.). **Context of scripture**. Vol. 1. Leiden/New York, NY: Brill, 1997, p. 241-284.
- PATTERSON, Stephen J. Apocrypha. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. Vol. 3. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 292-297.
- PETERS, Melvin K. H. Septuagint. In: NOEL, David (Ed.). **Anchor Bible dictionary**. Vol. 5. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 1093-1103.
- PETTS, David. The baptism in the Holy Spirit: The theological distinctive. In: WARRINGTON, Keith (Ed.). **Pentecostal perspectives**. Carlisle: Paternoster, 1998, p. 98-119.
- ROBECK, Cecil M. Jr. William J. Seymour and "the Bible evidence. In: MCGEE, Gary B. (Ed.). **Initial evidence: Historical and biblical perspectives on the Pentecostal doctrine of Spirit baptism**. Eugene, OR: Wipf Stock, 1991, p. 72-95.
- ROBERTS, Jonathan. Introduction. In: LIEB, Michael; MASON, Emma e ROBERTS, Jonathan (Eds.). **The Oxford handbook of the reception of the Bible**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 1-8.
- SANDERS, E. P. **Jewish law from Jesus to Mishnah**. London: SCM Press, 1990:
- SCHWEIZER, Eduard. **Heiliger Geist**. Stuttgart: Kreuz Verlag, 1978.
- STERLING, Gregory E. (Ed.). **The Ancestral Philosophy: Hellenistic philosophy in the Second Temple Judaism: Essays of David Winston**. BJS 4; SPM4; Providence, RI: Brown Judaic Studies, 2001.
- STONE, Lawson G. Redaction criticism: Whence, Whiter, and Why? Or, Going Beyond Source and Form Criticism Without Leaving Them Behind. In: CARPENTER, Eugene E. (Org.). **A biblical itinerary: in search of method, form and contend: essays in honor of George W. Coats**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, p. 77-90.
- STOTT, R. W. John. **The baptism and fullness of the Holy Spirit**. Leicester: IVP, 1975.
- STRONGSTAD, Roger. **The Charismatic Theology of St. Luke**. Peabody, MA:

- Hendrickson Publishers, 1984.
- TOV, Emanuel & WRIGHT, B. G. Computer-assisted study of the criteria for assessing the literalness of translation units in the Septuagint. In: **Textus**. Jerusalem, v. 12, 1985, p. 149-187.
- _____. The nature and study of the translation technique of the Septuagint. In: TOV, Emanuel. **The Greek and Hebrew Bible**: Collected essays on the Septuagint. Atlanta, GA: SBL, 1999, p. 239-246.
- TURNER, Max. **Power from on high**: The Spirit in Israel's restoration and witness in Luke-Acts. JPT Sup. 9; Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996.
- VANDERKAM, James C. Jubilee, the book. In: **Anchor Bible dictionary**. Vol. 3, New York, NY: Doubleday, 1992, p. 1030-1032.
- _____. **An introduction to early Judaism**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2001.
- WOOD, Leon J. **The Holy Spirit in the Old Testament**. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 1976.